



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega do Prêmio “Os Brasileiros do Ano” da revista IstoÉ  
São Paulo-SP, 15 de dezembro de 2010**

Vamos baixar um pouquinho a bola, meu filho, que nós neste ano não tivemos tanta sorte, não.

Olhe, eu queria cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, presidenta eleita do Brasil,

O nosso querido companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados e vice-presidente da República a partir do dia 1º de janeiro,

Quero cumprimentar os companheiros ministros e agradecer o carinho e a dedicação que eles tiveram, no meu governo: o companheiro Guido Mantega, da Fazenda; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; e o companheiro Henrique Meirelles, presidente do Banco Central,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o companheiro governador Antônio Anastasia, governador eleito de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o companheiro ex-governador de Minas Gerais e senador da República, Aécio Neves,

Quero cumprimentar o companheiro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Quero cumprimentar o Domingo Alzugaray, editor e diretor responsável pela Editora Três, por meio de quem cumprimento os demais profissionais da Editora Três,

Quero cumprimentar as queridas Angélica, Maitê Proença, por meio de



quem cumprimento os demais agraciados com o Prêmio “Os Brasileiros do Ano”,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar todos os convidados da IstoÉ,

E dizer, Alzugaray, que você vai ganhar eu lendo o meu discurso, porque o meu improviso normalmente demora mais do que uma leitura que está caprichada e coordenada.

Antes de mais nada, é importante dizer que o desenvolvimento dos últimos anos não foi atributo pessoal desse ou daquele indivíduo, desse ou daquele dogma milagroso, tampouco fruto de medidas heróicas de eficácia passageira, quando não desastrosas, como vimos tantas vezes no passado.

O que fizemos nos últimos anos, minhas amigas e meus amigos, foi mais consistente do que tudo isso. Nós construímos uma política democrática de desenvolvimento, e o fizemos num governo de portas abertas, incansável na sua determinação de acomodar aos apelos da cidadania o imperativo da justiça social, as necessidades da produção e o respeito ao meio ambiente.

Ajudamos a restabelecer um sentimento de importância singular na história de uma nação. O Brasil voltou a acreditar no Brasil e no seu desenvolvimento. A sociedade brasileira deixou um passado de ceticismo, rupturas e frustrações para apostar de novo na criatividade do seu trabalho, na força do seu investimento, na resposta da sua produção.

Eis aí uma conquista de inestimável valor. O crescimento era a ferramenta que faltava para superar os desafios pendentes na rotina da nossa gente e na dinâmica da nossa economia.

Enquanto o mundo rico patina em desemprego e recessão, no Brasil o consumo das famílias cresce há 28 trimestres seguidos. O poder de compra dos salários cresce há seis anos consecutivos, não de forma inflacionária, mas alinhado aos robustos ganhos de produtividade. O investimento vive o seu



melhor momento em quase 30 anos.

Alguns desdenham, como se tudo isso fosse um atributo menor na vida de uma sociedade. Sugiro a eles que acompanhem os esforços do governo norte-americano para injetar dinamismo num mercado onde as empresas não investem, os consumidores não compram e os bancos não emprestam.

Amigas e amigos,

Durante muito tempo a importância do mercado de massa deste país foi negligenciada. Governava-se apenas para 30% de sua gente e, de cada três brasileiros, só um tinha acesso ao crédito ou nem isso. A verdade é que muitos dos nossos dirigentes políticos nunca tiveram interesse em incorporar o conjunto da sociedade ao desenvolvimento. Talvez porque temiam a contrapartida inevitável que isso acarreta: a mobilidade social e o amadurecimento político que a segue.

Um dos orgulhos deste governo foi devolver ao Brasil a dimensão social do seu desenvolvimento, arquivada por preconceitos, proscria pela ganância infecciosa que predominava numa certa visão de política econômica. Redesenhamos a geografia do poder de compra no interior da massa salarial brasileira. A renda das famílias cresceu ininterruptamente nos últimos seis anos e a participação dos salários no PIB saltou de 31% para 35%.

Todo o país ganhou, mas os pobres ganharam um pouco mais. A distância entre o salário mínimo e o salário médio foi reduzida, de quatro vezes e meia, para três vezes em oito anos. O desemprego atingiu o nível mais baixo da história. O consumo de massa tornou-se o carro-chefe da engrenagem econômica nacional. Hoje esse mercado reúne o equivalente a 53% da população e 46% da renda nacional.

O Brasil tornou-se, assim, um dos destinos mais cobiçados no radar dos investimentos em nosso tempo, e por uma razão muito simples: o que se constrói aqui não é uma bolha passageira soprada pelo crédito suicida. O que se tem aqui é a retomada de uma construção interrompida, a construção de



uma sociedade de 190 milhões de pessoas e não mais uma sociedade de apenas 50 milhões de pessoas.

Estou falando, portanto, de uma das maiores fronteiras econômicas do século XXI, com uma singularidade que não pode mais ser subestimada. Aqui a democracia política e a democracia social comandam o leme do desenvolvimento.

Desde Getúlio Vargas, a estreiteza de alguns tentou dissociar esse encadeamento virtuoso entre um povo, as suas riquezas e as suas prerrogativas soberanas. Diziam, por exemplo, que o país não tinha vocação industrial e que seu destino era a casa grande e a senzala. Depois resolveram que aqui não tinha petróleo, e quando foi achado, disseram que não tínhamos competência para explorar e se opuseram à criação da Petrobras. Hoje cochicham contra a Petrobras, na esperança de entregar o pré-sal às petroleiras internacionais.

Pois bem, o Brasil está mostrando que sabe, pode e continuará a crescer nos próximos anos, e o fará a uma taxa superior à média das últimas décadas sem concessões à inflação e sem permitir a manipulação da nossa moeda por desequilíbrios que não refletem os nossos fundamentos econômicos, que são, reconhecidamente, sólidos.

O investimento aqui segue à frente da demanda. Não por acaso, o emprego no setor de máquinas e equipamentos lidera a expansão de vagas no segmento industrial, crescendo mais do que o dobro dos demais anos. Completamos este ano com 94% dos investimentos previstos no PAC, e o PAC 2 prevê que mais de R\$ 1,590 trilhão serão investidos nos próximos anos, sendo quase R\$ 1 bilhão entre 2011 e 2014.

Temos o maior programa de investimento em energia, no mundo. Inclui-se aí o maior impulso industrializante de toda a nossa história: as encomendas e avanços tecnológicos garantidos pelo modelo de exploração soberana do pré-sal.



Não se trata, repito, de uma simples engrenagem econômica movida pela sorte, como querem alguns. Este povo, que passou a comer melhor, a ter acesso ao emprego e à dignidade não se contentará mais com o prato raso da cidadania servido durante séculos neste país. Esse é o principal polo germinador de crescimento da nossa economia.

Fomos além do automatismo de mercado. Um novo encadeamento de forças econômicas e sociais assumiu o comando do nosso desenvolvimento e decidiu fazer dele a grande obra da maturidade democrática desta nação: ser um abrigo de todos os brasileiros.

Eu queria dizer, minha querida companheira Dilma Rousseff, companheiro Anastasia e outros governadores que vão tomar posse a partir do dia 1º de janeiro: vocês irão pegar um país infinitamente melhor do que aquele que eu peguei e que o companheiro Aécio Neves pegou no governo de Minas Gerais. Um país mais sólido, um país mais amadurecido, um país mais democrático, um país mais justo. Um país em que, hoje, de todas as hidrelétricas construídas no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil: Santo Antônio e Jirau, no [rio] Madeira, e Belo Monte, que começa em março, no Pará. Um país que está construindo a maior quantidade de quilômetros de ferrovias de uma só vez. São, praticamente, quase 6 mil quilômetros entre a Ferrovia Norte-Sul, a Ferrovia Transnordestina e a Ferrovia Oeste-Leste, além do trem-bala que, se Deus quiser, a licitação se dará em março.

Estamos vendo o maior enfrentamento aos problemas crônicos das favelas deste país, com a maior política de saneamento básico já feita na história do país.

Queria dizer a todos vocês que quando a Dilma estava falando, eu estava dizendo: puxa vida, como eu gostaria de ter herdado um país para governar depois do governo Lula, como eu gostaria de ter pegado um país... e isso não se deve ao mérito apenas do governo. Deve-se à compreensão da



sociedade brasileira, deve-se à capacidade de empreendedores que não tiveram medo de fazer investimentos quando o mundo desenvolvido se acovardava diante de uma crise. Deve-se à decisões corretas na área econômica do governo, de fazer a economia brasileira assumir, sobretudo o crédito, quando os bancos que davam palpite na nossa vida não faziam mais empréstimo para ninguém.

Eu não sei se vocês se lembram que o FMI sabia dar palpite em todas as crises dos países pobres do Terceiro Mundo, mas quando aconteceu a crise nos Estados Unidos, o FMI até agora não abriu a boca. Eu até pensei que não existia mais. Fiquei sabendo que ele continuava existindo porque o Guido Mantega vai à minha mesa e pede para a gente emprestar US\$ 14 bilhões para o FMI.

Este Brasil, companheiros e companheiras, não foi construído por um presidente. Foi construído por um presidente, por 27 governadores, por quase seis mil prefeitos, pela imprensa, pelos trabalhadores e pelos empresários.

É este país, Dilma, é este país, andando a 120 por hora, em que os brasileiros sentem mais orgulho de serem brasileiros, os pobres são menos pobres... Apesar de que o rico continua rico, e é bom, é bom que continue. Quando me perguntam: “Por que os banqueiros ganharam tanto dinheiro no teu governo?”. Eu falo: porque se tivessem perdido, era o governo que ia pagar. É melhor ganharem dinheiro. Não se assustem, porque nós não preocupamos que ganhem dinheiro. O que nós queremos é apenas que repartam um pouco daquilo para que a gente possa, todos, os 190 milhões, ganhar um pouco.

Eu estou deixando a Presidência daqui a 15 dias e já estou com saudade. Eu quero dizer para vocês que é interessante... eu tive o privilégio – possivelmente o Aécio, o Sérgio Cabral, outros governadores –, eu tive o privilégio de fazer parte de uma geração política que... antigamente político saía pela porta dos fundos, não dava posse para o seu sucessor, dois dias antes se afastava. Não. Orgulhosamente, orgulhosamente eu vou entregar a



faixa para a companheira Dilma, vou descer a rampa com a consciência tranquila de que este prêmio que a IstoÉ me deu é um prêmio de 190 milhões de brasileiros que continuam acreditando neste país.

Posso dizer para vocês: não existe milagre em economia. Em economia existe seriedade e previsibilidade. Existe, sobretudo... Eu lembro, Aécio, quando nós, numa semana, resolvemos o problema da indústria automobilística brasileira depois da crise, e os Estados Unidos demoraram sete meses para resolver o problema da GM. Todo mundo sabe que não tem curso de [para ser] político em universidade. Ninguém aprende a ser prefeito, governador ou presidente na universidade, porque o legado e a competência de um político é saber tomar decisão na hora certa e fazer as coisas acontecerem.

Eu quero agradecer, de coração, a todos vocês pela compreensão, pelo apoio nos momentos difíceis, e dizer a vocês que eu tenho muita esperança de que a nossa querida companheira Dilma Rousseff vai fazer mais e vai fazer melhor, porque ela já foi uma das construtoras do momento que estamos vivendo.

Quero desejar, Anastasia, a você e ao Sérgio Cabral, que façam um governo extraordinário porque o povo brasileiro não pode mais conviver com retrocesso.

Um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês, e me permitam sair correndo porque o meu avião já está com o motor ligado.

Um abraço, e até a próxima.

(\$211A)